REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/gqy91j83
Pages: 1-30

RAQUEL DE QUEIROZ E OS ANOS 1930: AS MULTIREPRESENTAÇÕES FEMININAS EM *O QUINZE*

RAQUEL DE QUEIROZ AND THE 1930s: THE MULTIFEMALE REPRESENTATIONS IN "O QUINZE"

Beth Francione Fagundes da Silva
Mestra em Ensino de Línguas Estrangeiras/ Espanhol como LE, Secretaria de Estado, da Educação, do Esporte e do Lazer do Rio Grande do Norte, Brasil
E-mail: bethrbd@gmail.com

Josirranny Priscilla da Silva
Mestra em Ciências da Linguagem, Secretaria de Estado, da Educação, do Esporte e do Lazer do Rio Grande do Norte- RN -RN, Brasil
E-mail: josirranny-priscilla@hotmail.com

Marília Carla da Costa Menezes
Mestranda em Educação, Colégio Mater Christi- RN, Brasil
E-mail: mariliacarla18@hotmail.com

Samira Luara Góis Araújo
Especialista em Ensino-Aprendizagem de Línguas Estrangeiras, Secretaria de Estado, da Educação, do Esporte e do Lazer do Rio Grande do Norte- RN, Brasil
E-mail: samiraluara@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho aborda as representações múltiplas do feminino na obra *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, por meio das personagens femininas, tendo maior foco em Mocinha e Conceição, refletindo sobre os lugares relegados às mulheres e as diferenças que ocupam. Nosso objetivo é identificar as denúncias sociais feitas por Rachel de Queiroz por meio destas, bem como analisar o caráter representativo que cada uma delas vai assumir numa sociedade patriarcal marcada pela seca de 1915. O artigo será construído a partir de textos que tratam da segunda geração do Modernismo, abordando o regionalismo, a história das secas no Nordeste, com ênfase na de 1915. Nossas reflexões estão baseadas em leituras sobre a seca de 1915 e em questões sociais e de gênero que podem nos demonstrar a construção dos papeis e identidades femininas que se refletiam socialmente na década em questão. Este estudo pretende comprovar que a obra de Rachel de Queiroz, além de grande relevância literária, apresenta perspectivas sociais e históricas importantes para reflexão do leitor. Para isso, estaremos pautados em estudos de Bosi (2006), Luís Bueno (2015), dentre outros autores que abordam perspectivas do Modernismo da geração de 1930, assim como os de pesquisa historiográfica para a contextualização da seca de 1915.

Palavras-chave: Modernismo; Anos de 1930; Rachel de Queiroz; O Quinze; Feminino.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/gqy91j83
Pages: 1-30

Abstract

The present study addresses the multiple representations of the feminine in *O Quinze*, by Rachel de Queiroz, through its female characters, with a particular focus on Mocinha and Conceição, reflecting on the places relegated to women and the different roles they occupy. Our objective is to identify the social critiques made by Rachel de Queiroz through these characters, as well as to analyze the representative function each of them assumes within a patriarchal society marked by the 1915 drought. The article will be developed based on texts that discuss the second generation of Brazilian Modernism, addressing regionalism and the history of droughts in the Northeast, with emphasis on that of 1915. Our reflections are grounded in readings on the 1915 drought and on social and gender issues that help reveal the construction of female roles and identities that were socially reflected in the decade in question. This study aims to demonstrate that Rachel de Queiroz's work, in addition to its great literary relevance, presents important social and historical perspectives for readers' reflection. To this end, we draw on studies by Bosi (2006), Luís Bueno (2015), among other authors who discuss perspectives of the 1930 Modernist generation, as well as historiographical research used to contextualize the 1915 drought.

Keywords: Modernism; 1930s; Rachel de Queiroz; *O Quinze*; Feminine.

1. Introdução

O Modernismo foi um movimento artístico fundamental para o desenvolvimento da arte brasileira tal qual a conhecemos hoje, gerando profundas transformações no fazer literário, teatral, musical, plástico, etc. No decorrer deste artigo, trataremos, mais especificamente, da geração de 1930, também conhecida como a Segunda Fase do Modernismo no Brasil, na qual se destacam fatores sociais que assumem caráter de denúncia das mazelas brasileiras. Nos chamados romances de 1930, identificamos ainda mais esta evidência ao social, destacando-se o Regionalismo e seus fatos históricos. E é nesse período que se encaixa *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, obra que retrata os dramas da seca vivida pelo povo nordestino.

No cenário desta narrativa, faremos reflexões sobre as personagens femininas, nos centrando nas personagens de Conceição e Mocinha, propondo por meio delas uma discussão acerca do feminino na obra, destacando, dentre outras questões, os diferentes papéis que estas duas mulheres ocupam, tendo em vista que a primeira vive melhor posição social, ao passo que a outra, miserável, se entrega a todo tipo de sorte e castigos que temerosos tempos de busca pela sobrevivência impõem. Logo, nosso estudo procura identificar as denúncias sociais

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/gqy91j83
Pages: 1-30

feitas por Rachel de Queiroz, analisando o caráter representativo que cada uma delas assume numa sociedade patriarcal marcada pela seca.

A autora da obra tratada neste artigo nasceu em 17 de novembro de 1910, em Fortaleza, Ceará. Filha de Daniel de Queiroz e de Clotilde Franklin de Queiroz, descendente dos Alencar pelo lado materno, parente, portanto, de José de Alencar, e pelo lado paterno, dos Queiroz, famílias de raízes do Quixadá e Beberibe.

Em 1917, a família se muda para o Rio de Janeiro, fugindo dos horrores da seca de 1915, permanecendo pouco tempo, viajando logo a seguir para Belém, onde residiu por dois anos. Em 1919, regressa a Fortaleza e conclui seus estudos regulares, diplomando-se em 1925, aos 15 anos de idade (Oliva, 2014).

Rachel de Queiroz era de uma família de intelectuais. Sua mãe, fascinada por literatura, foi a primeira a colocar um livro em suas mãos, estimulando-a a ler e tendo-lhe deixado um acervo de cinco mil volumes (Tamaru, 2004). Por sua vez, o pai a iniciou na política por meio da leitura de trechos de discursos de Rui Barbosa.

Em 1927, começa a utilizar o pseudônimo Rita de Queluz e publica uma carta no jornal "O Ceará", "fazendo uma crítica a um concurso criado pelo periódico, o qual elegia uma jovem como 'Rainha dos Estudantes'. Rainha em tempos de república, enfim, gozações ingênuas, mas gozações" (Guedes, 2017, p. 13). Essa carta repercute e faz sucesso, levando o diretor do jornal a convidá-la a ser colaboradora efetiva.

Também colabora com a escrita de outros jornais cearenses, tornando esse ofício duradouro (Guedes, 2017). Em 1930, transfere-se para o Rio de Janeiro e mantém sua identidade original. Residindo no Rio, colaborou para "O Jornal", "Diário de Notícias" e "Folha Carioca". Dentre suas características literárias, destaca-se "[...] o caráter marcante da individualidade de mulher e de escritora que, talvez, fosse um dos segredos de seu enorme e merecido prestígio intelectual" (Tamaru, 2004, p. 29), mantendo contato permanente com os grandes temas nacionais e com suas origens em crônicas semanais publicadas durante a longa carreira.

Em 1930, publicou o romance *O Quinze*, que projeta sua vida literária no país. Alguns duvidaram que o romance houvesse sido escrito por uma mulher, tão

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/gqy91j83
Pages: 1-30

forte era o preconceito (Tamaru, 2004). O romance, com ambientação cearense, próximo do ideal neorrealista, recebeu críticas de Augusto Frederico Schmidt, Graça Aranha, Agripino Grieco e Gastão Gruls. A consagração veio com o Prêmio da Fundação Graça Aranha.

Em 1932, publicou o romance *João Miguel*, que expõe a vida de um preso que se entrega à cachaça, e em 1937 *Caminhos de Pedras*, obra de cunho "conscientemente político: a sua redação, em 36, coincide com o exacerbar-se das correntes ideológicas no Brasil à beira do estado-Novo: comunismo [...] e integralismo" (Bosi, 2006, p. 396).

Participou do Partido Comunista (1931 a 1933), do qual foi expulsa. Em seguida, teve grande e polêmica amizade com Castelo Branco, um dos principais articuladores do golpe de estado de março de 1964.

Em 1939, lança *As três Marias*, ganhando o Prêmio da Sociedade Felipe d'Oliveira. Após isso, a autora faz longa pausa romanesca e dedica-se a outros gêneros. Seu crescente prestígio literário, endossado pelas críticas dos romances na década de 30, possibilitou-lhe colaborar com importantes periódicos brasileiros, como "Correio da Manhã", "O Jornal" e o "Diário da Tarde" (Guedes, 2017). Em 1944, é convidada para ser colaboradora exclusiva da revista "O Cruzeiro", a principal do grupo "Diários Associados", cuja parceria durou 30 anos, gerando coletânea de crônicas que culminaram nas obras *Cem crônicas escolhidas* (1958), *O brasileiro perplexo* (1964), *O caçador de tatu* (1967) e *As menininhas e outras crônicas* (1976).

Em 1953, dedica-se ao teatro e escreve a peça *Lampião*, que lhe rendeu o "Prêmio Saci". Em 1957, recebeu o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras pelo conjunto de sua obra. No ano de 1959, escreveu *O padrezinho santo* e o romance *O galo de ouro*, este último publicado em folhetins pela revista "O Cruzeiro". Em 1966, viveu uma experiência diplomática ao participar da vigésima primeira sessão da Assembleia Geral da ONU, trabalhando na Comissão dos Direitos do Homem. Em 1971, *O menino mágico* inaugura o gênero infantil, sendo agraciado com o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/gqy91j83
Pages: 1-30

No ano de 1975, publicou o romance *Dôra*, *Doralina*, que ficou na lista dos mais vendidos, recebendo adaptação para o cinema em 1981, com a direção de Perry Salles. Antes disso, tornou-se em 1977 a primeira mulher eleita para a Academia Brasileira de Letras. Em 1986, retorna ao gênero infantil com *Cafute & Pena-de-Prata*. De 1988 a 2003, escreveu crônicas no jornal "O Estado de São Paulo" (Tamaru, 2004).

Aos 82 anos, publica o romance *Memorial de Maria Moura* (1992), que lhe exigiu intenso estudo sobre o sertão nordestino do século XIX, surpreendendo após 17 anos de sua última publicação. Rachel de Queiroz colecionou prêmios importantes, como o Luís de Camões, em 1933, considerado o maior de língua portuguesa, pela primeira vez conferido a uma mulher. Além disso, recebeu o Diploma de Honra ao Mérito do Rotary Clube do Rio de Janeiro (1996); o título de Doutora Honoris Causa, pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (2000). Morreu no Rio de Janeiro em quatro de novembro de 2003, pouco antes de completar 93 anos.

Como vimos, a obra de Raquel de Queiroz é extensa e sua biografia tão intensa quanto sua produção literária. E a partir do romance *O quinze*, teremos a oportunidade de conhecer um pouco da temática regionalista marcante na segunda geração do Modernismo.

A obra aborda a temática da seca que assolou a região Nordeste no ano de 1915, e se passa no sertão cearense, apresentando, a partir do núcleo familiar de Chico Bento, o duelo entre a fome e o retirante, além de nos expor a vida e anseios de Conceição e Vicente, primos que nutrem sentimentos um pelo outro.

Mesmo com todas as adversidades da seca, mortes e abandono de terras, Vicente trabalha arduamente para manter seus trabalhadores e animais de pé e sonha conquistar sua prima, a qual, motivada por boatos e por enxergar suas diferenças intelectuais, decide não investir em um início de relacionamento.

Chico Bento, por sua vez, vaqueiro de terras alheias, se vê sem meios de sustento e com uma família para manter, decidindo migrar para o Norte em busca da sobrevivência. Caminha com sua família a pé e no percurso perde dois filhos e deixa a cunhada Mocinha no meio da jornada.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/gqy91j83
Pages: 1-30

No final do romance, já não se sabe mais do destino de Chico Bento e sua família, que partira para São Paulo, no entanto, observa-se que ao chegar dezembro daquele ano cruel as chuvas começam a molhar o sertão, trazendo esperanças ao seu povo sofrido.

Lidas nossas discussões iniciais, podemos dizer que este artigo se propõe a realizar, por meio de uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativo-descritiva, tendo como base autores como Bosi (2006), Bueno (2015), Aragão (2012), dentre outros, uma discussão sobre a construção do feminino nessa sociedade de 1915, cujos problemas assolam não somente o solo do sertão como também interferem na formação do caráter e constituição de papeis sociais.

1.1 **Objetivos Gerais**

Nosso objetivo é identificar as denúncias sociais feitas por Rachel de Queiroz por meio das personagens femininas da obra *O quinze*, bem como analisar o caráter representativo que cada uma delas vai assumir numa sociedade patriarcal marcada pela seca de 1915.

2. Revisão da Literatura

2.1 O romance de 30

Segundo Bosi (2006), a Semana de 1922 constituiu um acontecimento e uma declaração de fé na arte moderna, no entanto, o ano de 1930 traz menos significados literários devido ao relevo social do contexto da época, no caso da Revolução de Outubro, golpe de estado que depôs o presidente Washington Luís e cujo enredo levou Getúlio Vargas à presidência da República. Essa revolução e a superação parcial da chamada República Velha (primeira fase da república brasileira) trouxeram para o país uma corrente de esperanças, oposições, programas e desenganos, marcando nossa literatura, lançada a um estado adulto e moderno diante do qual as palavras de 1922 se comparam a fogachos de adolescente.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/gqy91j83
Pages: 1-30

Trataremos da literatura de 30, pois foi nesta época que Rachel de Queiroz lançou a obra aqui analisada: *O quinze*. As décadas de 30 e 40 ensinaram coisas úteis aos intelectuais brasileiros, estando entre eles o tenentismo liberal e a política getuliana, trazendo consigo a formação das oligarquias regionais. Sobre o fazer literário, Bosi (2006) relata que a prosa de ficção foi levada a um "realismo bruto" de Jorge Amado (1912–2001), José Lins do Rego (1901–1957), Érico Veríssimo (1905 –1975) e Graciliano Ramos (1892–1953), o que beneficiou a presença da linguagem oral dos brasileirismos e regionalismos léxicos e sintáticos. "Entre 1930/1945–50 o contexto literário apresentava em primeiro plano a ficção regionalista, o ensaísmo social e o aprofundamento da lírica moderna no seu ritmo oscilante entre o fechamento e a abertura do eu à sociedade e à natureza" (BOSI, 2006, p. 386).

Nesta época, segundo Bosi (2006), afirmavam-se também nas obras o romance introspectivo, o Nordeste decadente como paisagem, as agruras da classe média no começo da urbanização e os conflitos internos da burguesia entre provinciana e cosmopolita. Deu mostras de peso, neste período também, a ficção intimista. As décadas de 1930 e 1940 são lembradas como "a era do romance brasileiro" e não somente da ficção regionalista dos autores anteriormente citados. De acordo com Bosi (2006), o modernismo de 1930 – a despeito de abalos como a crise cafeeira, a Revolução, o acelerado declínio do Nordeste, as fendas nas estruturas locais, que proporcionaram novos estilos ficcionais marcados pela rudeza, pela captação direta dos fatos e por uma retomada ao naturalismo – é ainda bastante ficcional na narração. As obras destas décadas mostram à sociedade que novas angústias e novos projetos obrigavam o artista brasileiro a definir-se na trama do mundo contemporâneo.

Os romancistas de 1930 preferiram uma visão crítica das relações sociais. Dependendo do autor, poderia aparecer de forma mais suave – como em José Américo de Almeida (1887–1980), Érico Veríssimo e em José Lins do Rego – ou de modo mais severo (Graciliano Ramos). Houve também o romance psicológico, um convite à introspecção feita com uma psicanálise afetada, muitas vezes, pelas

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/gqy91j83
Pages: 1-30

angústias religiosas de seus criadores [Lúcio Cardoso (1912–1968), Otávio de Faria (1908–1980), Cornélio Pena (1896–1958), Jorge de Lima (1893–1953)].

Bosi (2006) expõe ainda que o socialismo, freudismo e o catolicismo existencial serviram para decifrar o homem em sociedade e baseariam o romance *empenhado* (grifo do autor) desses férteis anos para a prosa narrativa. O romance de 30 e 40 continha forte sentido de engajamento, sendo um romance que analisa, agride, protesta, tendo necessitado, para atingir este objetivo, de toda uma reorganização da linguagem narrativa, a qual trouxe a determinadas obras uma fisionomia estética profundamente original. Outra característica é o perfil do herói, que tende a ser problemático, em tensão com as estruturas degradadas vigentes, incapazes de atuar com os valores que a mesma sociedade defende: liberdade, justiça e amor.

Bosi (2006) afirma que o romance brasileiro a partir da década de 1930 possui ao menos quatro tendências: os romances de tensão mínima (personagens não se destacam visceralmente da estrutura e paisagem que as condicionam); os romances de tensão crítica (o herói opõe-se e resiste agonicamente às pressões da natureza e do meio social, formule ou não em ideologias explícitas seu mal-estar permanente); os romances de tensão interiorizada (o herói não se dispõe a enfrentar a antinomia eu/mundo pela ação: foge, subjetivando o conflito) e os romances de tensão transfigurada (o herói procura ultrapassar o conflito que o forma existencialmente pela transmutação mítica ou metafísica da realidade).

Um autor pode apresentar diferentes facetas em sua produção. José Lins do Rego, em *Fogo Morto*, apresenta uma obra de alta tensão psicossocial, ao passo que em *Menino de Engenho* assume a função de cronista regional. Bosi (2006) finaliza afirmando que a literatura de 1930 até os dias atuais forma um todo cultural, vivo e interligado.

2.2 A seca de 1915: contextualizando a obra

Existem, ao mesmo tempo, vários Nordestes, como afirmava o sociólogo Gilberto Freyre; segundo apresentação de Manoel Ferreira de Andrade (2013), há

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/gqy91j83
Pages: 1-30

um rico e outro miserável; um que por séculos foi sustentáculo de riquezas por meio da cana-de-açúcar, e outro que ficou esquecido na memória desse país após a queda da monocultura da cana no Brasil, sendo lembrado somente nos momentos das grandes secas, não por humanidade ou compaixão, mas em virtude da preocupação das burguesias em dividir espaços com a população de retirantes flagelados.

Torres; Silva (2019) discutem os problemas que a seca acarreta ao sertanejo, sendo as dos anos 1877–79 as primeiras a marcar o cenário midiático da época: "Foi a primeira a ter repercussão nacional pela imprensa e a alcançar setores de pequenos e médios proprietários de terra. Ficou conhecida como a 'Grande Seca'" (Torres; Silva, 2019, p. 17), tendo marcado o início da migração dos sertanejos.

No ano de 1915, houve outro período de grande estiagem no Nordeste, desta vez imortalizado na literatura de Raquel de Queiroz na obra *O quinze*. A autora narrou a seca que conheceu por meio dos relatos que cresceu ouvindo. Pesquisando sobre a história da época, descobrimos as verossimilhanças entre a realidade da época e o retrato dos sertanejos personificados no livro.

Foi neste ano que o presidente Venceslau Brás Pereira Gomes criou a Inspetoria Federal de Obras contra as Secas (IFOCS), posteriormente conhecido como Departamento Nacional de obras contra as Secas (DENOCS) (Torres; Silva, 2019).

Os retirantes que diariamente chegavam às capitais partiam do interior dos estados, deixando a vida que conheciam para tentar a sobrevivência, e um caminho buscado com esperança por muitos no Ceará eram as obras das barragens que o Governo Federal autorizava, as quais, segundo Castro (2010), eram estratégias para conter os ânimos dos migrantes, bem como impedi-los de invadir as cidades. Mais do que temer saques ao comércio em busca de alimento, os retirantes marcados pelos flagelos eram vistos pela burguesia como um incômodo. N'*O Quinze*, vemos entre as chagas marcadas no vaqueiro Chico Bento o duro trabalho numa dessas obras de barragem.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/gqy91j83
Pages: 1-30

No ano de 1915, a estiagem entraria para a história e ficaria guardada na memória de muitos sertanejos, não porque fosse a primeira seca que a região vivia ou porque fosse a primeira a provocar mortes, migrações, misérias, etc., mas porque provocaria o surgimento dos campos de concentração, também conhecidos como “currais humanos” ou “currais do governo”, a fim de impedir que os retirantes chegassem a Fortaleza, capital do Ceará. Rodolfo Teófilo (apud Castro, 2010, p. 102) nos dá uma amostra de como era a vida nesses “currais”, relatando que o campo de concentração do Alagadiço seria um quadrilátero de quinhentos metros onde se encurralavam cerca de sete mil pessoas, acobertadas, em geral, nas sombras dos cajueiros, vivendo em péssimas condições de salubridade e má alimentação, quando havia, sendo servidos de carne de boi ruim, usando-se latas de querosene para cozimento. Em consequência de tudo isto, além da fome, muitos morriam por moléstias que se proliferavam pelas condições do ambiente, e uma das mais comuns era a varíola. “Na mesma proporção que a seca foi responsável em construir sócio-espacialmente a região Nordeste, separando-a do Norte, o fenômeno também foi responsável pelo despovoamento do sertão” (Torres; Silva, 2019, p. 20), e esse despovoamento também gerava preocupações a muitos governos, como no Rio Grande do Norte.

As irregularidades pluviométricas passaram a ser vistas não mais como um fenômeno natural, mas como problema social, na medida em que, para além do ambiente físico, as estiagens moldaram a identidade do povo Nordestino (Torres; Silva, 2019), para o bem e para o mal, tendo sido registradas na história as políticas coronelistas conhecidas por indústria da seca, que serviram exclusivamente aos poderosos.

2.3 A representação e resistência feminina nas diferentes realidades sociais de *O Quinze*

No Nordeste brasileiro, a tradição da literatura regionalista revela a valorização e a descrição dos elementos da paisagem local, com seus elementos naturais, seu povo e suas histórias, seus desafios sociais e psicológicos. Em *O*

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/gqy91j83
Pages: 1-30

quinze, Rachel de Queiroz, ao contrário de antecessores que usavam um regionalismo estereotipado, destacou-se por fazer uma literatura social, denunciando com as personagens a realidade de muitos sertanejos e, pela linguagem usada na obra, simples e objetiva, apresentando a língua local.

A obra foge, apesar de abordar a ligação do homem do campo com a terra, da exaustão descritiva da seca, expandindo sua trama para outras problemáticas vividas durante esse período histórico, apresentando importantes personagens femininas e explorando suas representações múltiplas e de resistência sob diferentes realidades sociais. Identificam-se na obra denúncias sociais feitas por Rachel de Queiroz por meio das personagens Conceição e Mocinha, bem como se analisa o caráter representativo que cada uma delas vai assumir numa sociedade patriarcal marcada pela seca de 1915.

Um aspecto inovador na obra de Rachel de Queiroz é o protagonismo da mulher no enfrentamento do patriarcado. Uma dessas mulheres é Conceição, professora que vive em Fortaleza e costuma visitar sua avó, Dona Inácia, na fazenda Logradouro, próximo à cidade de Quixadá, no Ceará:

> Todos os anos, nas férias da escola, Conceição vinha passar uns meses com a avó (que a criara desde que lhe morrera a mãe), no Logradouro, a velha fazenda da família, perto do Quixadá.
> Ali tinha a moça o seu quarto, os seus livros, e, principalmente, o velho coração amigo de Mãe Nácia.
> Chegava sempre cansada, emagrecida pelos dez meses de professorado; e voltava mais gorda com o leite ingerido à força, resposta de corpo e espírito graças ao carinho cuidadoso da avó (Queiroz, 2012, p. 13).

Já nas primeiras linhas do romance, fica evidente a condição social de Conceição, professora em Fortaleza de raízes sertanejas, neta de proprietária de terras, mas que não tem sua vida urbana diretamente afetada pela seca. Sua ligação com a terra está no fato de lá residirem sua avó e seu caso de amor: “Vicente, primo de Conceição, que representa mesmo um certo ideal masculino da ligação com a terra, em contraposição aos modos artificiais dos rapazes da cidade” (BUENO, 2015, p. 126). Convém destacar que Conceição, diferentemente das outras personagens da história, tem acesso à educação, ideias, conhecimento de

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/gqy91j83
Pages: 1-30

francês, é aspirante a escritora e não mostrava intenção de casamento. “Chegara até a arriscar leituras socialistas, e justamente dessas leituras é que lhe saíam as piores das tais ideias, estranhas e absurdas à sua avó” (Queiroz, 2012, p. 13).

Como vemos, Conceição é uma mulher de ideais fortes e independente, que rompe com os padrões da época, segundo os quais uma mulher deveria crescer e aprender os afazeres de casa para conseguir um bom marido, ser mãe em tempo integral e esposa submissa. Ao contrário do que se esperava de uma mulher nessa época, ela opta pela integração social, o que lhe confere cunho revolucionário e feminista, características, diga-se de passagem, bem comuns a outras protagonistas de Rachel de Queiroz.

A obra “*O Quinze*” retrata a projeção do ambiente de resistência proporcionado pela mulher: mesmo abordando problemas sociais vigentes, “a condição da mulher continua sendo o tema essencial” (Pinto, 1990, p. 44).

Em contraste, temos a personagem Mocinha, que, juntamente com sua irmã Cordulina, sobrinhos e seu cunhado Chico Bento, forma o núcleo retirante da história. Mocinha é moça simples e sem educação formal, porém mantém a pose da moça pobre e ingênua cheia de sonhos, até conhecer as durezas da vida sertaneja retirante. Junto à família, sofre pela fadiga da travessia de Quixadá a Fortaleza em busca de melhores condições de vida: “Os três dias de caminhada iam humanizando Mocinha. O vestido amarrotado, sujo, já não parecia *toilette* de missa. As chinelas baianas dormiam no fundo da trouxa, sem mais saracoteios nos dedos da dona” (Queiroz, 2012, p. 27).

A expressão *toilette* de missa sugere um velho hábito empregado no sertão de, por falta de muitas peças de vestuário, guardar a melhor vestimenta para os eventos importantes. Essa perspectiva de se vestir com sua melhor roupa para cruzar o sertão nordestino em uma seca tão cruel como a de 1915 mostra, por um lado, certa ingenuidade da personagem relativamente à condição do retirante e ao sofrimento que seria vivido, como comprova a esperança da sertaneja em dias prósperos, ao guardar suas chinelas baianas para serem usadas em um momento oportuno.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/gqy91j83
Pages: 1-30

Mocinha é a primeira vítima da seca do núcleo retirante da trama. Diante da possibilidade de conhecer o mundo fora do sofrimento e da miséria, decide se apartar da família e ficar no meio da travessia para trabalhar na casa de Sinhá Eugênia em troca de comida e moradia. Como defendido por Ventura (2018, p. 43), "ao lado da irmã, sabe-se que Mocinha não tinha a mínima perspectiva que fosse", razão pela qual se mostra feliz com essa probabilidade: "Mocinha chegou animada, a bem dizer risonha: –Tem em uma mulher que carece de uma moça mode ajudar na cozinha e vender na estação" (Queiroz, 2012, p. 32).

Sinhá Eugênia, em contrapartida, se mostra indiferente, como tantos outros personagens, às perdas, à fome, ao distanciamento familiar e à renúncia da origem e história presente na família de Mocinha. Portanto, representa o egoísmo do capitalismo e o atraso da sociedade da época, embora ainda habitemos nesse atraso social:

> O grupo principiou a andar, comovido e desolado; e até se sumir na curva, Mocinha, de pé na calçada, viu o pequenino vulto no meio da carga, torcendo-se, estendendo por entre as mangas largas da camisa encanada os bracinhos escuros, tisnados pelo sol, gritando lamentosamente:
> – *Titia! Titia! Eu teó você!*
> Sinhá Eugênia comentou, entrando:
> – Credo! Que desespero! (Queiroz, 2012 p. 33).

Em outra passagem, observamos a subserviência de Mocinha diante da precariedade e dos maus tratos do seu emprego ruim, e a sua noção de felicidade diante da desolação da fome e das amarguras do sertão:

> Dias depois, indo e vindo, na cozinha esfumaçada, Sinhá Eugênia, furiosa, lamentava sua xícara florada, e descompunha Mocinha:
> –Essa sem-vergonha só quer é namorar! Vive de dente de fora pros homens e não liga para nada. Por causa dessa peste roubaram o meu casal de pires!
> Mocinha, sentada no pilão, escutava pacientemente. Que lhe importava uma descompostura a mais, da velha? Vivia agora tão feliz! (Queiroz, 2012 p. 33).

Sem o suporte e o amparo da família, além de deslumbrada pelas idas e vindas da estação, seus sujeitos e enredos, Mocinha primeiro desentende-se com sua patroa, ficando desempregada e, em seguida, envolve-se com um homem, engravida e torna-se mãe solteira ou, em termos atuais, mãe solo. O nome desse

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/gqy91j83
Pages: 1-30

homem e os detalhes dessa relação não são citados na obra, pois a importância de sua existência na história é denunciar a realidade de muitas mulheres que saem de casa em busca da subsistência e são vítimas de uma sociedade machista e preconceituosa, que prefere culpar a mulher a responsabilizar o homem por suas ações.

Rachel de Queiroz escancara a precariedade do sertão, a falta de políticas públicas para o povo, sobretudo a discrepância entre o tratamento dado às mulheres de distintas classes sociais, pois Conceição também saiu de casa para trabalhar em uma cidade grande, mas, devido à sua condição social, conta com uma rede de apoio, morando na casa de umas moças solteiras para não ser mal vista. Sobre essa última informação, podemos constatar a dominação do sistema patriarcal, que julga, amordaça e condiciona, até os dias atuais, as mulheres. Imaginemos tudo isso sendo vivido, em 1915, por uma moça vinda do sertão. Assim sobressai a genialidade de Rachel de Queiroz.

Mocinha, sem emprego e tendo que prover seu sustento e o do filho, torna-se pedinte. Sua última aparição na obra é marcada pelo encontro com sua madrinha, Dona Inácia: “Na plataforma da Estação, uma rapariga magra, suja, esfarrapada – um dos eternos fantasmas da seca – apertava ao colo um embrulho que vagia e choramingava baixinho” (Queiroz, 2012, p. 76). A senhora comovida, ao vê-la tão mísera e com o recém-nascido nos braços, lhe oferece uma casinha no sertão para endireitar a vida, mas, com vergonha da sua condição de mãe solo e conhecendo o olhar feroz da sociedade, recusa a oferta de regresso.

A sertaneja, como podemos constatar na narrativa, é o retrato da opressão e degradação da seca, assim como vítima de uma sociedade machista e patriarcal, preferindo permanecer na miséria a encarar o preconceito. Encontramos, portanto, nesse aspecto da obra, traços do determinismo, tão presente no realismo e naturalismo. Mocinha é refém do meio, da raça e do período histórico em que vive. De acordo com Aragão (2012), o Nordeste enfrentava, naquela época, profunda depressão econômica, motivada pela falência do modelo agrícola, revolução industrial e implantação do progresso. Portanto, Rachel não poderia descrever uma

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/gqy91j83
Pages: 1-30

sertaneja, com suas características, vencendo as adversidades, na medida em que Mocinha não dispunha dos meios socioeducacionais para isso.

Seu filho, fruto de uma relação sem casamento e, consequentemente, sem a bênção da igreja, vivendo numa sociedade marcada pelos preceitos religiosos, também será vítima da força esmagadora do convencionalismo e banimento social. Ambos permanecem marginalizados e esquecidos pelo poder público.

A obra *O Quinze* revelou uma face do Brasil desconhecida ou ignorada. É em Mocinha que residem a crítica ao sistema político patriarcal e a essência do regionalismo de Rachel de Queiroz:

> A preocupação com o social com a realidade da sua região. A região não aparece, agora, apenas como uma bela paisagem para um idílio sertanejo, nem como pano de fundo de uma luta entre bandidos, mas como a essência da narrativa, como motor das ações dos personagens, totalmente dominados pelas circunstâncias da vida nessa terra (Aragão, 2012, p. 51).

Por outro lado, a obra foge do determinismo que condena as mulheres ao casamento. Essa é uma das grandes contribuições do romance, que "forjou, através da criação de Conceição, um novo tipo de personagem feminina" (Bueno, 2015, p. 283), que, no nosso entendimento, procura sua função numa sociedade na qual não é recebida, porque embasada no patriarcado. Sua percepção de mundo e atitude investigadora do papel social e humano da mulher começam a ganhar espaço e força no meio rural. Portanto, é a personagem que rompe com essa tradição de subserviência feminina.

Essa ruptura se mostra quando Conceição, ao perceber a distância cultural entre ela e seu primo Vicente, desiste do casamento:

> Pensou no esquisito casal que seria o deles, quando à noite, nos serões da fazenda, ela sublinhasse num livro querido um pensamento feliz e quisesse repartir com alguém impressão recebida. Talvez Vicente levantasse a vista e lhe murmurasse um "é" distraído por detrás do jornal... Mas naturalmente a que distância e com quanta indiferença... Pensou que, mesmo o encanto poderoso que a sadia fortaleza dele exercia nela, não preencheria a tremenda largura que os separava (Queiroz, 2012, p. 47).

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/gqy91j83
Pages: 1-30

Em contrapartida, esse conflito entre Conceição e Vicente surge alicerçado no preconceito. Vicente é vítima de um boato sobre suposto envolvimento seu com uma das moradoras da fazenda, a Zefa do Zé Bernardo, e em conversa com Mãe Inácia, que julga se tratar de tolice comum de rapaz, Conceição lhe refuta: "Tolice, não senhora! Então Mãe Inácia acha uma tolice um moço branco andar se sujando com negras?" (id., p. 38). É a partir dessa possível relação que observamos uma postura racista, tanto na fala de Conceição quanto na de uma representante dos marginalizados, Chiquinha Boa: "– O povo ignora muito... se tiver, pior pra ela... Que moço branco não é para bico de cabra que nem nós..." (Queiroz, 2012, p. 36).

Compreendemos o discurso de Chiquinha Boa: ela é vítima de um sistema seletivo que, como vimos anteriormente, não proporciona os meios sociais, culturais, educacionais, econômicos e estruturais às minorias, sufocando sua voz. Ela propaga o discurso preconceituoso do qual é vítima por não conhecer outro. No entanto, Conceição é a voz consciente e altruísta da trama, portanto sua fala racista causa estranhamento no leitor, mostrando que, em certos aspectos, ela continua presa a uma visão arcaica da elite rural.

Conceição assegura a independência feminina e a noção de felicidade em si mesma em vez de na figura de um homem, mas revela alguns estigmas sociais, ou seja, enfrenta o preconceito, até mesmo no seu seio familiar, de uma sociedade patriarcal que condiciona a mulher ao casamento e à maternidade. O peso da sua decisão de não se casar é sublinhado no capítulo final da obra:

> — Ora o amor!... Essa história de amor, absoluto e incoerente, é muito difícil de achar... eu, pelo menos nunca o vi... o que vejo, por aí, é um instinto de aproximação muito obscuro e tímido, a que a gente obedece conforme as conveniências... Aliás, não falo por mim... que eu, nem esse instinto... Tenho a certeza de que nasci para viver só... (Queiroz, 2012, p. 81).

Sem laços matrimoniais, Conceição, diferentemente de Mocinha, busca, porque dispunha dos meios econômicos, sociais e educacionais, encontrar-se como indivíduo singular em meio ao patriarcalismo condicionante, sendo incapaz de se encaixar no que lhe é imposto pela sociedade e trilhando seu próprio caminho em relação à aceitação social:

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/gqy91j83
Pages: 1-30

> Esse talvez seja um dos principais motivos da sobrevivência de *O quinze* ao passar dos anos. Dialoga com sua época, mas não se prende a ela. E as questões que aborda são problematizadas até hoje: a mulher ainda busca um novo lugar na sociedade, a divisão entre cidade e sertão persiste, e pouco se fez para atenuar os efeitos da seca e a miséria no sertão (Cattapan, 2010, p. 113).

Outros aspectos marcam a trajetória da personagem Conceição, como a procura da intelectualidade e a ausência de preocupação com estética e vestuário. Seu deleite está na leitura e no conhecimento, como se observa no diálogo a seguir entre ela e Dona Inácia:

> "E você sem largar esse livro! Até na hora de missa! [...]
> – E minha filha, para que uma moça precisa disso? Você quererá ser doutora, dar para escrever livros?
> Novamente o riso da moça soou:
> – Qual o quê, Mãe Nácia! Leio para aprender, para me documentar..." (Queiroz, 2012, p. 69).

Essa busca da sapiência também denuncia o estereótipo literário vinculado à mulher leitora, geralmente vista como ledora de romances: "– E esses livros prestam para moça ler, Conceição? No meu tempo, moça só lia romance que o padre mandava..." (Queiroz, 2012, p. 69). Essa trajetória de Conceição marca a construção da narrativa e lapida sua identidade e papel social, na medida em que apresenta a visão machista da elite rural e clerical, bem como revela o conflito entre duas gerações, uma marcada pelo anulamento e outra, pela resistência.

Decidida a lutar pelo que acredita, Conceição expressa seu rompimento com o conservadorismo da época: "[...] quando a gente renuncia a certas obrigações, casa, filhos, família, tem que arranjar outras coisas com o que se preocupe...Senão, a vida fica vazia demais..." (Queiroz, 2012, p. 69). Dessa forma, conquista-nos por sua capacidade de se questionar em sua condição de mulher, ao mesmo tempo em que atua de modo transgressor e eficaz.

Conceição, durante os longos períodos de seca, ainda trabalha como voluntária no Campo de Concentração: "Saía de casa às dez horas e findava a aula às duas. Da escola ia para o Campo de Concentração, auxiliar na entrega dos socorros" (Queiroz, 2012, p. 43).

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/gqy91j83
Pages: 1-30

O desejo de conquistar seu lugar na sociedade e de auxiliar o outro é o diferencial de Conceição em comparação às outras personagens femininas. Após ficar preocupada com a debilidade e enfermidade do seu afilhado Duquinha, filho caçula de Chico Bento e Cordulina, Conceição propõe adotar o menino. Porém, é nessa atitude que também enxergamos outra condição dolorosa na vida do sertanejo, uma vez que, para não ver seu filho morrer à míngua, o casal é obrigado a entregá-lo à madrinha, que sem cerimônias afirma querer cuidar e ficar com ele, tirando qualquer esperança da mãe de um dia tê-lo em seu seio materno, uma vez que viveriam distantes, e ainda que um dia presente, a relação nunca mais seria a mesma:

> – Que é de se fazer? O menino cada dia é mais doente... A madrinha quer carregar para tratar, botar ele bom, fazer dele gente... Se nós pegamos nesta besteira de não dar o mais que se arranja é ver morrer, como o outro (Queiroz, 2012, p. 58).

Nesse contexto, vemos acontecer a maternidade de Conceição, um exemplo social do que ficou conhecido como "adoção à brasileira", hoje proibida pela Constituição. Porém, não se pode negar que ao adotar uma criança marginalizada e ir contra as convenções sociais do que se é considerado a "real" maternidade, Conceição novamente rompe padrões.

O contraste entre as decisões de Conceição e a sociedade é perceptível quando consideramos a trajetória da personagem Lourdinha, irmã de Vicente:

> "– Nasceu para viver só? Olhe, Dona Conceição, já não ouviu dizer: *"Vae solis!"* Não crê na sabedoria dos antigos? [...]
> "*Vae solis!*" Pedante! Mas Lourdinha parecia tão feliz com a filhinha...
> Afinal, o verdadeiro destino de toda mulher é acalentar uma criança no peito. E sentia no seu coração o vácuo da maternidade impreenchida... "*Vae solis*!" Bolas!
> Seria sempre estéril, inútil, só... seu coração não alimentaria outra vida, sua alma não se prolongaria noutra pequenina alma... Mulher sem filhos, elo partido na cadeia da imoralidade... [...]
> Recordou seus cuidados infinitos, sua dedicação, seu carinho...
> E, consolada, murmurou:
> – Afinal, também posso dizer que criei um filho..." (Queiroz, 2012, p. 81).

A expressão "*Vae solis*", utilizada pelo dentista no diálogo com Conceição, significa "Ai do solitário!". Ao buscar seu significado, descobrimos que faz parte do

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/gqy91j83
Pages: 1-30

livro bíblico Eclesiastes (4:10), em um lamento da fraqueza do homem abandonado à própria sorte. Nesse sentindo, compreendemos que o meio social de Conceição, representado por esse personagem masculino, não a reconhece como mãe de Duquinha e não considera natural a mulher não querer gerar um filho. O fato de ter sido emitido por um homem revela a centralidade das relações e do poder patriarcal, tanto na esfera social quanto no convívio familiar. Quando Conceição repete a expressão várias vezes, mostra o quanto a tocou, mas ao fim do seu discurso, ao lembrar-se da sua relação com Duquinha, já apresenta sinais de resistência, blindando-se das imposições e julgamentos. Ainda podemos pontuar a indagação que existe sobre as crenças de Conceição frente às dos mais antigos, compreendidas como sagradas.

Conceição é a porta-voz da consciência crítica feminina, sua resistência se configura no poder que evoca nas mulheres contra um casamento fadado ao distanciamento e na busca pela intelectualidade e liberdade das amarras culturais e sociais. Sua grande marca é a ruptura com a tradição, ou seja, rompe com os estereótipos atribuídos às mulheres pelo patriarcado. Mocinha denuncia as dificuldades da sua terra e nos conduz à evolução, sua voz ecoa e se faz presente em cada um de nós, promovendo uma reflexão crítica sobre os desafios enfrentados pela mãe solteira em uma sociedade culturalmente atrasada. O fio que as une, além de suas diferentes trajetórias na seca, revelando o contraste entre o sobrado e a tapera, entre o tratamento social dado a professora e a retirante, é o papel representativo de cada uma em uma sociedade machista que aprisiona e cala tantas mulheres.

3. Considerações Finais

O Nordeste Brasileiro historicamente enfrentou épocas de seca, as quais tornaram-se evidentes na literatura modernista de 1930, que revela a apatia em relação à população mais empobrecida e a ausência de ações públicas efetivas. Tal perspectiva reverte a lógica que aborda a seca como um obstáculo,

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/gqy91j83
Pages: 1-30

promovendo reflexões sobre a permanência na terra, sem que haja necessidade de migração.

No cenário do livro *O Quinze*, percebemos os confrontos geracionais marcados entre as (con)vivências de mulheres como Mãe Inácia e sua neta Conceição, as problemáticas políticas e patriarcais que marcam negativamente a vida de todos, especialmente a de mulheres, sendo ainda pior para as mais pobres, tal qual observamos em Mocinha e sua irmã Cordulina.

O Modernismo, como vimos, foi um movimento artístico importante para nossa cultura, trouxe-nos uma arte constituída a partir do verdadeiramente brasileiro, permitindo, como vemos na Segunda Geração, a realização de denúncias e discussões, por meio da arte, de problemáticas políticas, históricas e sociais significativas para compreendermos os alicerces da construção social deste país; no caso da obra em questão, para compreendermos as bases da sociedade sertaneja do Nordeste. Assim, destacamos a importância da Literatura que é capaz de promover reflexões acerca de temáticas tão importantes, ficando evidente a contribuição deste movimento e da geração de 1930.

Como relatado ao longo do artigo, a seca do ano de 1915 entraria para a história em virtude do surgimento dos currais humanos, os campos de concentração que se anteciparam à segunda guerra mundial. Talvez, por atrevimento nosso, possamos até mesmo afirmar que o que os diferencia, além do tempo e lugar, seja o fato de não haver uma guerra armada e o holocausto. Dizemos isso não para diminuir os sofrimentos da segunda grande guerra imposto ao povo judeu, mas como maneira mesmo de nos forçar a uma reflexão sobre o quanto ainda necessitamos, socialmente, da construção humana, pois conseguimos ainda hoje olhar pessoas como inferiores e superiores.

Rachel de Queiroz rompeu com muitas barreiras impostas à mulher, uma vez que, tão jovem, conseguiu se lançar na literatura com um livro aclamado pela crítica. Sua escrita também impressiona a crítica da época porque foge das linhas romanescas, além de desafiar o preconceito segundo o qual as mulheres não eram capazes de produzir uma obra daquela envergadura. É importante frisar que era esperado que uma mulher escrevesse apenas sobre questões sentimentais e seio

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/gqy91j83
Pages: 1-30

familiar, único lugar oferecido a elas, sendo Rachel, portanto, um ponto fora da curva porque sua educação formal e familiar assim lhe permitiu.

Conceição, personagem tão marcante na obra, exemplifica bem as oportunidades que se abrem no caminho de uma mulher a partir do conhecimento, porém somos sujeitos que ocupam um lugar em um contexto histórico, e Conceição, embora muito à frente do seu tempo, ainda age com preconceitos quando diminui outra mulher por causa de sua cor e quando desiste do casamento com Vicente não somente pelo boato de que ele se deitava com uma preta, mas porque não era tão letrado quanto ela. Vale ressaltar que ainda nos dias de hoje vemos mulheres diminuindo outra que se lhe apresente como disputa pelo seu amor, o que nos mostra o quão incrustados estão o machismo e o patriarcalismo na nossa sociedade.

Mocinha tem uma curta passagem na narrativa se compararmos a Conceição, mas isso não diminui o valor dessa personagem, pelo contrário, marca ainda mais o silenciamento das mulheres, em especial das que ocupam posição social como a dela, moça pobre, retirante, analfabeta.

O Quinze também escancara o quanto o esforço de sobrevivência pode nos fazer descer a atitudes consideradas desumanas, tais como o enterro do filho à beira de uma estrada qualquer, o abandono de Mocinha à própria sorte, o conformismo de Cordulina quando um de seus filhos desaparece, a não resistência dessa mãe e do pai, Chico Bento, em entregar o filho mais novo para ser criado pela madrinha. A miséria, a fome e a luta desesperada pela sobrevivência corrompem qualquer noção considerada humana.

Pelas representações de Mocinha e Conceição, bem como das demais mulheres, observamos nossos avanços e falhas na sociedade quando se trata de direitos dos homens e das mulheres, porém três questões essas personagens nos respondem: o conhecimento é fundamental para nos abrir portas e ele precisa ser de fato acessível a todos, e, por último: conhecimento é poder!

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/gqy91j83
Pages: 1-30

Referências

ARAGÃO, C. O. **Rachel de Queiroz e Xosé Neira Vilas**: vidas feitas de Terras e Palavras. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

BOSI, A. **História concisa da Literatura Brasileira**. 39ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

BUENO, L. **Uma história do romance de 30**. 1.ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2015.

CASTRO, L. As retiradas para os campos de açudagem na seca "do quinze". **Historiar**, ano II, n. 1, p 96-109, 2010. Disponível em: http://www.uvanet.br/hist/janjun2010/06_retiradas_campos.pdf Acesso em: 1º mai. 2021.

CATTAPAN, J. C. R. O quinze: contrastes e tensões. **Revista Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 7, p. 99-114, 2010. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3910. Acesso em: 13 de abr. 2021.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste**: Aspectos da Influência da Cana sobre a Vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. 1ª ed. Digital, São Paulo: Global, 2013.

GUEDES, T. B. **Rachel de Queiroz no Romance de 30**: um estudo da obra e da fortuna Crítica. 2017. 188f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/29674/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20Taffarel%20Bandeira%20Guedes.pdf. Acesso em: 02 de maio 2021. http://www.uvanet.br/hist/janjun2010/06_retiradas_campos.pdf. Acesso em: 1º mai. 2021.

OLIVA, O. P. Rachel de Queiroz e o romance de 30: ressonâncias do socialismo e do feminismo. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 43, p. 385-415, dez. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332014000200385&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02 mai. 2021.

PINTO, C. F. **O Bildungsroman feminino**: quatro exemplos brasileiros. São Paulo: Perspectiva, 1990. Disponível em: https://www.revista.ueg.br. Acesso em: 13 de abr. 2021.

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. 93ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

TAMARU, A. H. **A construção literária da mulher nordestina em Rachel de Queiroz**. 2004. 118f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/gqy91j83
Pages: 1-30

Campinas, 2004. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/269112/1/Tamaru_AngelaHarumi_D.pdf. Acesso em: 02 de mai. 2021.

TORRES, R. S.; SILVA, R. T. A seca "construindo" o Nordeste Brasileiro: uma análise do livro O Quinze de Rachel de Queiroz. **Colineares**, v. 6, n. 1, p. 15-24, 30 jun. 2019. Disponível em: natal.uern.br/periodicos/index.php/RCOL/article/view/1842. Acesso em: 1º mai. 2021.

VENTURA, G. **A ruptura com a tradição matrimonial patriarcalista em O quinze de Rachel de Queiroz**. 2018. 96f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_VenturaG_1.pdf. Acesso em 25 mai. 2021.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/gqy91j83
Pages: 1-30

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/gqy91j83
Pages: 1-30

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/gqy91j83
Pages: 1-30

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/gqy91j83
Pages: 1-30

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/gqy91j83
Pages: 1-30

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/gqy91j83
Pages: 1-30

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 25/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/gqy91j83
Pages: 1-30